



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

LEANDRO SANTOS LUCENA

**Variação e mudança fonética: o caso da transformação do / l / por
/ r / na fala de campinenses**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

LEANDRO SANTOS LUCENA

**Variação e mudança fonética: o caso da transformação do / l / por
/ r / na fala de campinenses**

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a M^a Auxiliadora Bezerra

CAMPINA GRANDE – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Leandro Santos Lucena

**Variação e mudança fonética: o caso da transformação do / l / por
/ r / na fala de campinenses**

**Monografia de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa da Universidade
Federal de Campina Grande - UFCG, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciado em Letras – Língua Portuguesa.**

Aprovada em 31 de outubro de 2016

Banca Examinadora:

**Prof^a Dra. Maria Auxiliadora Bezerra - UFCG
(Orientadora)**

**Prof. Dr. Aloísio Dantas
(Examinador)**

CAMPINA GRANDE - PB

2016

Dedico este trabalho especialmente a duas pessoas fantásticas, aos meus amados pais, Maria José e Nivaldo, maiores incentivadores e responsáveis pelo meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela Sua fidelidade e providência nos tempos tão adversos em minha vida. Sem Ele as minhas forças não teriam sido renovadas a cada dia e não teria buscado subir cada degrau desse longo caminho, que ainda não acabou. A Ele a minha gratidão;

A minha família: meus pais, irmãs e sobrinha, que formam o meu alicerce primário e essencial para a vida, que me apoiam nas decisões sejam elas acompanhadas de êxitos ou não. A vocês, todo o meu amor;

A todos os professores que no decorrer da minha vida acadêmica se mostraram fiéis em transmitir seus conhecimentos somando em minha formação acadêmica, tanto noturna quanto diurnamente, dentro e fora dos muros da UFCG;

Agradeço à professora mestranda Viviane Moraes que encantou minha vida pelo apreço ao Latim e conseqüentemente ao Português Histórico. Ela foi a responsável pela gênese desse estudo e me ajudou nos primeiros passos;

De forma especial agradeço à minha orientadora prof^a Dr^a M^a Auxiliadora Bezerra que aceitou o desafio de em poucos meses lapidar este estudo, pela sua incessante ajuda e transmissão do vasto conhecimento bibliográfico no assunto que fez a minha paixão pelos estudos aumentar. Cada tarde de orientação foi conduzida pelo seu jeito meigo e alegre, não apenas envolvida, mas comprometida na condução e finalização desta pesquisa. Sinto não ter tido no percurso da graduação outras oportunidades de experiências acadêmicas com ela que é uma fonte valiosa do conhecimento da língua. Sempre serei muito grato;

Ao examinador Prof. Dr. Aloísio Dantas, atual coordenador do curso, que compôs a banca. Agradeço imensamente a indicação de orientadora para dar continuidade a este trabalho, por sua preocupação com os prazos, e o apoio noturno durante todo o curso. Agradeço pelo aceite do convite e pelas pertinentes observações para o melhor aprimoramento deste trabalho.

Por fim, e não menos importante quero agradecer a todos os meus companheiros e amigos pela amizade sincera, pelos carinhos e incentivos. Aqui é impossível citá-los todos, mas agradeço por entenderem a minha correria cotidiana na vida acadêmica e na jornada de

trabalho, pelas vezes que entenderam que não podia estar presente, por sempre me apoiarem nos momentos que mais precisei. Agradeço ao meu afilhado e Contador Daniel Queiroz e ao amigo e professor Claudemir Cruz que me garantiram o fôlego final neste trabalho e que sempre estiveram disponíveis inclusive nas madrugadas. Nunca me esquecerei de vocês.

Muito obrigado a todos que direta e indiretamente colaboraram para a realização desta pesquisa!

“Aprender é o impulso inevitável do coração sedento de sabedoria. Comporta esforço e renúncia, reflexão e humildade.”
**FRANCISCO LÓPEZ-
SEIVANE**

RESUMO

A língua portuguesa é fruto de diversos processos de transformações, inclusive fonéticas. Essas mudanças são involuntárias e por vezes passam despercebidas pela fala favorecendo a diversidade linguística existente. Diante desse contexto, nos interessamos em desenvolver a presente pesquisa, teve como objetivo geral analisar no uso/escuta a presença ou ausência de palavras com fonema /l/ ou /r/ (ex. "flamengo/ framengo": padrão/não padrão) em Campina Grande. A problemática se deu em quanto essa variação do fonema está presente na fala/escuta do grupo estudado e o seu motivo. De modo a nortear a investigação, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) identificar o uso/escuta de palavras com /l/ e /r/ (padrão/não padrão) por pessoas da cidade e b) relacionar o uso/escuta do /l/ e /r/ (padrão e não padrão) nas variáveis de gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes. Esta é uma pesquisa em variação linguística definida como qualitativa e predominantemente quantitativa. Para a concretização dos objetivos propostos, aplicamos um questionário para quantificar o uso e a escuta das variações das palavras, conforme a presença/ausência do fonema /l/ e /r/. Os fundamentos teóricos utilizados recuperam estudos sobre variação fonética (LABOV, 1966), variação e mudança (LEITE e CALLOU, 2002; FARACO, 2005; ILARI e BASSO, 2007), metaplasmo (COUTINHO, 1974; BAGNO, 2011) e ensino (MENEGUELLI e SOUZA, 2014). Os resultados da análise revelaram que entre gênero, faixa etária e escolaridade há significativas diferenças entre a proximidade ou distanciamento do padrão e nos levaram a refletir sobre o papel da escola sobre a variação e mudança da língua.

Palavras Chave: Variação Linguística. Metaplasmos. Fonema.

ABSTRACT

The Portuguese language is the result of several processes of transformation, including phonetics. These changes are involuntary and sometimes go unnoticed in the speech and favoring the existing linguistic diversity. In this context, we interest us in developing this research, which aimed to analyze the use / listening to the presence or absence of words phoneme / l / or / r / (for example, "flamengo / framengo.": standard / non-standard) in Campina Grande. To guide the investigation, the specific objectives were established: a) identify the use/listening words with /l/ and /r/ (standard and nonstandard) to people that lives in the city, and b) relate to the use/listening to /l/ and /r/ (standard and non-standard) in the variables gender, age and educational level of the informants. This is a research about linguistic variation defined like qualitative and quantitative. To achieve the proposed objectives, we apply a questionnaire to quantify the use and listening about the variations of the words, as the presence and absence of the phoneme /l/ and /r/. The theoretical foundations used recover studies on phonetic variation (LABOV, 1966), variation and change (LEITE e CALLOU, 2002; FARACO, 2005; ILARI e BASSO, 2007), metaplasm (COUTINHO, 1974; BAGNO, 2011) and education (MENEGUELLI e SOUZA, 2014). The results of the analysis revealed that between gender, age and education there are significant differences between the proximity or standard distance and make us to reflect on the role of school about the variations and change language.

Keywords: Linguistic Variation. metaplasm. Phoneme.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evidências do fonema /r/.....	21
Quadro 2: Distribuição de participantes por faixa etária.....	29
Quadro 3: Distribuição de participantes por escolaridade.....	29
Quadro 4: Palavras com variação fonética do /l/ para o /r/.....	30
Quadro 5: Variáveis da pesquisa.....	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Diferença entre gêneros para Uso/Ouço - Palavras padrão.....	32
Gráfico 2: Uso padrão de 20 a 24 anos.....	34
Gráfico 3: Uso padrão de 25 a 29 anos.....	34
Gráfico 4: Uso padrão de 30 anos em diante.....	34
Gráfico 5: Escuta do não padrão pelos homens.....	35
Gráfico 6: Uso Padrão/Escolaridade – Mulheres.....	36
Gráfico 7: Uso Padrão/Escolaridade – Homens.....	36
Gráfico 8: Comparativo do uso padrão – Escolaridade.....	37

SUMÁRIO

• INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: VARIAÇÃO E MUDANÇA DA LÍNGUA.....	13
• A língua em movimento	13
• Variação e mudança.....	15
CAPÍTULO II: METAPLASMOS.....	18
• Definição e classificação.....	18
• Metaplasmos: o rotacismo (do /l/ para o /r/).....	21
CAPÍTULO III	23
• Variação no ensino.....	23
4. METODOLOGIA.....	28
5. ANÁLISE DE DADOS.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7. REFERÊNCIAS	41
ANEXO.....	43

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é fruto de diversos processos de transformações e isso se dá porque num sistema linguístico, tudo é transformação, tudo é evolução. Sabemos que essa língua tem suas raízes no latim e que desde lá variações e mudanças vêm ocorrendo. Dentre esses processos de transformações, as mudanças fonéticas estão incluídas e elas podem acontecer ou por haver geralmente uma regularidade para essas mudanças e/ou também por inconsciência do falante, de modo que as mudanças são, por vezes, involuntárias.

E dessa maneira a língua não se torna estática, imota, mas é importante perceber que é por meio do falante que se torna viva e está sempre em movimento, de modo que a língua de hoje não é a de ontem e não será a de amanhã dada a dinamização de sincronias até chegar-se à diacronia (ARAÚJO, 2005).

Sendo assim, somos provocados a adentrar na variação linguística brasileira que por si só já é uma realidade abrangente e desafiadora, dada a extensão territorial do país e as variações regionais que muitas vezes por ignorância esbarram no preconceito linguístico diante do diferente ou daquilo que se prega como norma culta padrão.

Notadamente, a sociolinguística é recente e as pesquisas sobre a língua no recorte da fala são recentes também, mas desempenha um relevante papel no ensino da língua, de modo que já podemos visualizar na língua falada a sua comparação com a modalidade escrita e suas transformações.

Com isso, a presente monografia tem como objetivo analisar a variação e mudança linguística para o uso e escuta das formas padrão e não padrão da língua, levando em consideração o caso fonético do /l/ contra o /r/ em sílabas internas. Para isso selecionamos algumas palavras da gramática histórica e dicionário e aplicamos uma pesquisa quantitativa e qualitativa medi-las no uso da oralidade e da escuta delas.

Sendo assim, o objetivo geral analisar o uso/escuta de palavras com fonema /l/ e /r/ (padrão e não padrão) em moradores de Campina Grande, entendendo se é uma tendência atual. Com o objetivo específicos de relacionar o uso/escuta das ocorrências de transformação fonética das laterais/l/ em vibrantes /r/ ao português padrão e não padrão quanto ao gênero, faixa etária e escolaridade.

Sobre a sociolinguística Labov (1966) foi o pioneiro a trabalhar com uma série de investigações na língua considerando a variação delas de acordo com as variáveis sociais. Isso foi importante porque lançou o olhar da língua sob o aspecto social do falante. Os metaplasmos nos ajudarão a entender como se dá essa variação, sua regularidade na mudança, para isso estaremos ancorados nos conceitos de Bagno (2007).

Quanto a metodologia empregada a investigação se deu por meio de aplicação de questionários para medir a frequência com que os 120 participantes usavam e falavam as palavras selecionadas.

Para entender a variação e mudança da língua e como elas são tratadas organizamos o presente estudo em 5 capítulos. Para tanto, principia-se, no capítulo 1, tratando sobre as variáveis linguística, verificando que a língua muda e se adapta com o passar do tempo e os fatores extralinguísticos Bagno (2007) desempenham relevante papel nessa variação e mudança da língua.

Depois, o capítulo 2, vem apresentar algumas mudanças fonéticas ocorridas ao longo da formação da língua portuguesa. Sendo assim, são apresentados os metaplasmos, a sua importância e como eles estão classificados.

Dando seguimento, o capítulo 3, trata brevemente como a escola lida com o ensino da variação e até que ponto essa variação é respeitada. Portanto o presente trabalho vem evidenciar as formas tidas como não padrão estão presentes no cotidiano.

Por fim os capítulos 4 e 5 trazem a metodologia e a análise de dados, respectivamente.

CAPÍTULO 1

VARIAÇÃO E MUDANÇA DA LÍNGUA

1.1 A língua em movimento

A língua é um sistema complexo, dinâmico e adaptável e por isso passa por diversas transformações. Em Coutinho (1984, p.21) temos que a “linguagem é o conjunto de sinais que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar suas ideias e pensamentos”. Leite e Callou (2002, p.07) reforçam que é “através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria”. Sendo assim, língua e sociedade estão imbricadas variando e mudando com o passar do tempo.

Perceber que este é um fenômeno comum em todas as línguas é reconhecer que a língua não é estática, mas que está em constante movimento. Um exemplo interessante é a língua grega antiga e a língua grega moderna: entre as duas se notam relevantes dessemelhanças, mesmo sendo ambas usadas no mesmo espaço geográfico, mas em tempos distantes entre si.

Em se tratando da língua portuguesa, verificamos que as variações também ocasionam em mudanças e elas são encontradas desde o latim até o português atual, afinal essas variações estiveram na base da transformação do latim e chegaram ao português arcaico europeu, depois, além fronteiras, com a chegada ao continente americano pelo descobrimento e navegações ultramarinas e ainda se faz presente no Brasil ainda hoje, com suas características próprias.

No caso do latim, é importante lembrar que as variações ocorriam e distinguiam-no entre o *sermus urbanus*, sempre escrito e estereotipado pelo rigor dos literatos, o *sermus plebeius*, pelo qual teremos o *sermus vulgaris*, como sendo a linguagem do povo que transmite espontaneamente suas ideias sem a preocupação de submeter aos preceitos gramaticais, pois mesmo aquela unidade não tinha o uso dessa língua de modo uniforme. Sobre isto esclarece Coutinho (1968, p. 29-30):

Diz-se latim clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância

do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Compreenda-se que alguns fatos que ocorreram da variação e mudança do latim para o português são devidos ao próprio contexto e contato do latim com as línguas nativas da região da Ibéria (línguas autóctones), favorecendo na mistura de línguas, pronúncias e vocabulários diferentes, acarretando incontáveis modificações do latim, tanto no nível fonético, quanto morfológico ou sintático.

Algumas dessas alterações do latim para o português, por exemplo, estão na redução do quadro de vogais que no latim eram dez, declinações verbais, o gênero neutro, o gerúndio, além de a língua latina ser mais sintética com ausência de preposições e a portuguesa mais analítica.

Sendo assim, a língua portuguesa que hoje conhecemos é fruto de um longo processo de transformação pelo qual os falantes da mesma língua mudaram e mudam, inconscientemente, e diga-se, ainda, involuntariamente, a pronúncia das palavras, por contextos históricos, sociais ou culturais, dando origem a evoluções, como, por exemplo, as fonéticas.

Diga-se por fim que é por causa desse movimento que temos a variação e mudança e essas mudanças não se dão apenas com o passar dos séculos, mas todos os dias evoluem. Calvet (2002, p. 89) defende: “As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, a sincrônica: pode se perceber numa língua continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”.

Ademais, as evoluções não acontecem de qualquer modo, uniformemente ou na mesma velocidade em todo o território nacional, que por si só já é histórica e culturalmente abrangente e desafiador. Basta pensar, por exemplo, como as vogais são articuladas fonologicamente nas diversas regiões do país, sejam mais abertas ou mais fechadas, com mudança sonora de [o] com som de [u] e/ou variavelmente o [e] com som de [i]. Assim, pelo exposto, chegamos à realidade da variação linguística na perspectiva sociolinguística, conforme trataremos a seguir no tópico de Variação e Mudança.

1.2 Variação e Mudança

Como dito, as línguas variam e mudam ao longo do tempo, mas normalmente os falantes não têm consciência de que sua língua está mudando. Para isso existe o estudo das mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa: atividade específica dos estudiosos de linguística histórica (FARACO, 2005, p.15). No entanto, investigar as mudanças pelas quais passam as línguas naturais pode despertar também curiosidade e interesse de não especialistas (FIORIN, 2013, p.137). Uma prova interessante na investigação dessas mudanças poderia estar em comparar, entre uma pessoa de idade mais elevada e outra de idade inferior, as diferentes formas de usos da língua, suas variações e mudanças, tais como a perda do fonema lateral palatal /l/ em fim de sílaba para o fone /w/.

Outro modo de perceber a mudança da língua num sentido cronológico maior está nas palavras como açafão (az-zafaran), açogue (as-suk), alecrim (al-iklil), alfazema (al-khuzâma), algodão (al-kutun), azeite (az-zayt), almofada (al-mukhadda), dentre outras, principalmente as de características agrícolas. Mesmo sendo usadas e ouvidas comumente nos dias atuais, nem todas as pessoas sabem que elas resultam da influência da língua árabe no português, há séculos atrás. As palavras que comunicamos hoje antes de mudarem anteviram de uma variação na assimilação do artigo *al+substantivo*. Sobre a mudança da língua, esclarece Faraco (*op.cit.*):

Além disso, as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência”

Disto podemos entender que a mudança é uma constante em todas as línguas, e ainda que nem toda variação implica em mudança da língua, mas que toda mudança pressupõe numa variação que ocorreu em determinado tempo.

Mais recentemente, Labov dentro dos estudos sobre as variáveis linguísticas destaca-se como o pioneiro nos estudos variacionistas a trabalhar de modo convincente as variações fonéticas na perspectiva sociolinguística. Em seu estudo ele buscou entender o uso de duas semivogais da população de uma ilha em Massachusetts de uma população em Nova Iorque no ano de 1966. Depois, Labov vai adiante e noutra pesquisa analisa a ocorrência do fonema /r/ considerando estratificações linguísticas e sociais da população

por meio de três lojas nova-iorquinas. Esses estudos foram importantes e norteadores para próximas pesquisas, pois buscaram explicar padrões sociolinguísticos a respeito da pronúncia daqueles fonemas em determinado grupo considerando o fator social.

Dizer que a língua apresenta variação significa dizer que ela é "heterogênea" (BAGNO, 2007, p. 39). Por muito tempo, a língua foi enfocada apenas em *variantes* populares, como glossários regionais e atlas linguísticos de alguns estados brasileiros, como, por exemplo, o Atlas linguístico da Paraíba. Apenas mais recentemente que passamos a considerar o que chamamos de *variação* e perceber que ela ocorre, como esclarece Bagno (*op. cit*), em todos os níveis da língua: morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático e/ou fonético-fonológico.

A variação morfológica, por exemplo, com sufixos diferentes para expressar a mesma ideia (pegajoso / peguento); variação sintática quando os elementos sintáticos estão organizados de maneiras diferentes, mas o sentido geral é o mesmo; variação semântica quando uma palavra pode significar coisas diferentes dependendo da origem regional dos falantes (vexame = vergonha ou pressa); variação lexical, para palavras diferentes como mesmo significado (mijo, xixi, urina), variação estilístico-pragmática, quando os enunciados podem corresponder a situações diferentes de interação social, (in)formalidade ou intimidade entre interlocutores; e variação fonético-fonológica, como por exemplo as várias pronúncias do “r” no português ([r], [h], [x], [ɹ]).

Bagno (2007, p. 43) afirma que a variação linguística pode ser explicada por sete principais fatores extralinguísticos, portanto sociais, tais como os de origem: 1) geográfica, a exemplo das diferentes regiões do país, ou até mesmo dentro do próprio estado do falante entre a zona rural e urbana; 2) status socioeconômico, quando pessoas de determinado nível de renda se diferenciam em sua fala das que não têm o mesmo nível; 3) grau de escolarização, devido ao acesso maior ou menor à prática da leitura e usos da escrita; 4) idade, pois gerações anteriores/posteriores não falam do mesmo modo; 5) sexo, pois homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos da língua; 6) mercado de trabalho, uma vez que o vínculo da pessoa com determinadas profissões incide na sua atividade linguística; e 7) redes sociais, pois cada pessoa adota comportamentos semelhantes ao seu grupo de rede social e isso inclui também o comportamento linguístico.

Esses fatores extralinguísticos estão na base da classificação das variações proposta por Ilari e Basso (2007, p. 151-152): a variação diacrônica (nesta variação com a história interna e externa da língua), diatópica, diastrática e a variação diamésica. Bagno (*op.cit.*) explica essa classificação, partindo da etimologia dos termos científicos: *variação diatópica* (do grego DIÁ “através de”, TÓPOS “lugar”), pela comparação dos modos de falar de lugares diferentes; *variação diastrática* (do latim STRATUM “camada”) para a comparação entre modos de falar das diferentes classes sociais; *variação diamésica* (do grego MÉSOS “meio”) para a comparação entre a língua falada e a língua escrita; *variação diafásica* (do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”), pelo uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento; e a *variação diacrônica* (do grego KHRÓNOS “tempo”) para a comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Como percebemos, as transformações na língua são comuns e elas podem ser melhor explicadas por meio das variáveis linguísticas e sociais que nos ajudam a entender os níveis e classes em que estão inseridas.

Na pesquisa, foram trabalhadas algumas variáveis linguísticas, a saber, principalmente o sexo, o grau de escolarização e a idade dos participantes. Por estas variáveis quantificamos e qualificamos a variação e mudança do fonema estudado.

No capítulo seguinte, trataremos de fato sobre uma das variações concretas do latim ao português e de algumas variações que acabaram se instalando, em destaque a variação fonética, do fonema /r/, que no contexto brasileiro é complexo por seus diversos usos e da ocorrência histórica de sua permuta com o fonema lateral /l/, auxiliados pelo fenômeno dos metaplasmos.

CAPÍTULO 2

METAPLASMOS: DESCRIÇÃO DAS MUDANÇAS FONÉTICAS DO PORTUGUÊS

Num sistema linguístico, tudo é transformação, tudo é evolução, através de uma dinamização de sincronias até chegar-se à diacronia. “A língua de ontem não é a de hoje e esta não será a de amanhã” (ARAÚJO, 2005). De fato, a língua está sempre em movimento, pois as tendências linguísticas atuais não são as mesmas de nossos antepassados, de modo que o que conhecemos hoje como língua portuguesa não é a mesma trazida pelo povo lusitano.

Assim sendo, apoiados nos estudos sobre variação e mudança citados anteriormente, cabe-nos tratar neste capítulo sobre as mudanças fonéticas ocorridas ao longo da formação da língua portuguesa na Península Ibérica - acréscimos, supressões e transformações - especialmente as dos fonemas /l/ > /r/. Ou seja, trataremos do fenômeno dos metaplasmos, citando também exemplos atuais.

2.1. Metaplasmos: definição e classificação.

O termo metaplasmo vem do grego *μετα* (além) + *πλασμός* (formação, transformação), ou seja, ele trata das modificações fonéticas pelas quais as palavras passaram ao longo de sua evolução. (KURODA, 2014).

Coutinho (1974) defende que os metaplasmos são as modificações que as palavras sofrem na sua evolução e propõe três leis fonéticas que ajudam a entender o aspecto histórico da língua portuguesa: a primeira por acomodação do aparelho fonador, constituindo na *lei do menor esforço*, para facilitar a articulação dos fonemas na fala; a segunda por *manutenção da consoante inicial*; e a terceira por *manutenção de sílaba tônica*.

A mesma concepção de metaplasmo proposta por Coutinho (op. cit.) encontramos em Bagno (2011, p. 295): “uma mudança na estrutura fonética de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons que a compõem.” Este último esclarece que podem ser por acréscimo, supressão, transposição e transformação, todos com subclassificações em diversos tipos, que serão sucintamente citados a seguir.

É importante sinalizar que esses processos de transformações fonéticas da língua portuguesa no passado, ainda hoje podem ser observados (por exemplo, no registro informal, encontramos variações fonéticas do tipo [b r i 'g a d u] correspondendo à forma de agradecimento "obrigado", com a supressão do / ɔ /; ou [ʔ a p i t u] com acréscimo do / i / como vogal de apoio na passagem do /p/ para a sílaba seguinte, "apto"). Isso evidencia que a língua está sempre em movimento do ponto de vista da variação e mudança.

A primeira classe dos metaplasmos é constituída por **acréscimos**, em prótese, epêntese e paragoge. Como o próprio nome sugere, esse fenômeno ocorre quando há acréscimo de segmento sonoro no início, interior e final da palavra, respectivamente. Como exemplo, podem ser citados: *spiritu* > e*spírito* (prótese), *stella* > *estrela* (epêntese), *ante* > *antes* (paragoge). Hoje citam-se acréscimos (que constituem variação fonética) em palavras, como: pois > "apois", listado > "listrado", advogado > "adevogado", variz > "varize", dentre outras.

A segunda classe é constituída por **supressão**, ou seja, eliminação de segmentos sonoros, com as subclassificações de aférese, para supressão no início da palavra (*acume*>*gume*), síncope, no interior delas (*legenda*>*lenda*), apócope, no fim da palavra (*mare*>*mar*), crase, quando há fusão de duas vogais (*pede*>*pee*>*pé*) e sinalefa ou elisão, para a queda da vogal final de uma palavra e quando a palavra seguinte começa por vogal (*de+intro*>*dentro*; *outra+hora*>*outrora*). Hoje percebe-se na oralidade exemplos, tais como, *está* > "tá"; *espera* > "péra"; *José* > *Zé*, para os casos de aférese. Para a síncope, *bêbado* > "bebo", *murcho* > "mucho"; *negro* > "nego". Ainda para apócope, *furúnculo* > "furunco"; *bobagem* > "bobage".

Outros metaplasmos também podem ser classificados por **transposição**, quando um deslocamento sonoro é transposto, sendo subclassificados em metátese, para a ocorrência de um segmento sonoro para outra posição na sílaba ou de uma sílaba para outra posição na palavra (*semper*>*sempre*; *primariu*>*primairu*>*primeiro*) ou quando há transposição do acento tônico para a sílaba anterior à tônica (sístole) ou posterior (diástole), estando ambos na subclasse do hiperbibasmo (*pantânu*>*pântano*; *idólu*>*ídolo* / *limite*>*limite*; *océanu*>*oceano*). Para as ocorrências cotidianas destacamos as variações: *entreter* > "enterter"; *perguntar* > "preguntar" para os casos de metátese. Para o hiperbibasmo: *rubrica* > "rúbrica"; *opto* > "opito (pi)".

Por fim, e não menos importantes, estão os metaplasmos por **transformação**. Estes podem ser pela vocalização, quando há transformação de consoante em vogal (*nocte*>*noite*; *absentia*>*ausência*); consonantização, quando ocorre o inverso à

vocalização, em especial das vogais *i* e *u* em *j* e *v* (*Iesus*>*Jesus*; *uita*>*vida*); nasalização, quando o segmento oral passa a ser nasal (*sic*>*sim*; *mihi*>*mi*>*mim*) e hoje podemos observar a variação: identidade > “indentidade”; mortadela > “mortandela”; desnasalização, que é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação do segmento nasal em oral (*luna*>*lũa*>*lua*; *persona*>*pessõa*>*pessoa*) e, hoje, podemos perceber a variação de: homem > “home”; fizeram > “fizero” etc. na fala informal; sonorização, para a transformação de uma consoante surda em sonora homorgânica (*lupu*>*lobo*; *vicinu*>*vizinho*); palatização, quando ocorre a transformação de um ou mais segmentos numa consoante palatal. Embora no latim não houvesse consoantes palatais (BAGNO, 2011), podemos citar alguns exemplos: [ne]+vogal = grafada NH: *vinea*>*vinha*; ou ainda [le, li]+vogal = grafada LH: *palea*>*palha*; *iulio*>*julho*. Hoje ainda se observa o fenômeno com os exemplos: família > “familha”; basculante > “basculhante”; salsicha > “salchicha”.

Ainda em relação aos metaplasmos por transformação, há a subclasse da assibilação, que é a transformação de um ou mais segmentos sonoros numa consoante sibilante (*audio*>*ouço*); assimilação, que, sendo total, parcial, progressiva ou regressiva, é a mudança de um segmento sonoro num igual ou semelhante a outro existente (*ipso*>*isso*; *persona*>*pessoa*; *lacte*>*laite*>*leite*); dissimilação, quando ocorre a diferenciação de um segmento sonoro quase sempre por causa de outro igual ou semelhante na palavra (*rotundo*>*rodondo*>*redondo*; *liliu*>*lírio*); apofonia, que ocorre pela mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo (*in+aptu*>*inepto*; *sub+jacto*>*sujeito*); metafoia, quando há influência na mudança de timbre de uma vogal/semivogal seguinte (*totu*>*todo*; *décima*>*dizima*). Finalizando os metaplasmos por transformação temos a subclasse chamada sândi, que consiste na modificação de um segmento sonoro por influência de um som vizinho na cadeia falada, como exemplifica o /s/ que se transforma em /z/ em *os amores* [uza'moris] e em outros casos internos, externos, intervocálicos ou posteriores.

Percebemos assim, que as evoluções apresentadas acima não se deram por acaso, “não foram produzidas pela moda ou capricho do falante, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos e espontâneos” da fala (COUTINHO, 1974, p. 13). Percebemos também que esse é um fenômeno que continua agindo na contemporaneidade, fato que veremos a seguir.

2.2 Metaplasmos: o rotacismo (do /l/ para o /r/)

Um exemplo de variação de fonema está na articulação do fonema /r/ que apresenta diversas variações fonéticas em várias regiões do Brasil: por exemplo, no final de palavra [a 'm a r], pode haver a ocorrência de retroflexão [a 'm a ɹ], ser aspirado [a 'm a h] ou vazio \emptyset [a 'm a] em partes diferentes do país.

A saber, temos em Português o “r fraco” e o “R forte” com contrastes fonêmicos ao “R” como em “rato” e ao “r” manifestado com a representação do tepe [ɾ] para uma vibrante simples, como nas palavras “arara”, “prato”. No entanto o “contraste fonêmico (identificado em pares mínimos) entre os dois tipos de “R” somente é atestado em posição intervocálica: caro/carro, careta/carreta.” (SILVA, 2005). Sobre esse fonema, ainda pode haver variação em algumas regiões do país, tendendo o “r” pós-vocálico como em verbos no indicativo a desaparecer, como aponta (FIORIN, 2003). Logo, se ouve variações, tais como “cantá” para cantar, “flô” para flor, “mulhé”, para mulher. Diferentemente desse apagamento no final das palavras, podemos perceber a articulação do /r/ retroflexo, tipicamente chamado de linguajar caipira, quando na ocorrência do final de sílaba e no interior da palavra, como, por exemplo, *verde, porta, carne*.

As variações fonéticas evidenciam que não ocorrem apenas entre falantes da língua portuguesa atualmente, mas ocorrem ao longo do processo histórico da formação dessa língua como, por exemplo, as trocas do /r/ pelo /l/ desde o latim, como veremos a seguir. Citamos abaixo alguns exemplos de palavras latinas que chegaram a nós com a transformação do fonema em /r/. Cabe citar que tais palavras são aceitas atualmente pela norma, ou seja, passaram por uma evolução fonética do latim ao português no tocante ao fonema em questão e são plenamente aceitas no português atual:

Quadro 01: Evidências do fonema /r/

	Latim Vulgar		Português	Metaplasmo
1	<i>Blandu</i> >		Brando	Transformação
2	<i>Blatta</i> >		Barata	Acréscimo/epêntese
3	<i>Calamellu</i> >		Caramelo	Acréscimo/ epêntese
4	<i>Clauum</i> >		Cravo	Transformação
5	<i>Colonello</i> >		Coronel	Transformação/dissimilação
6	<i>Duplo</i> >		Dobro	Transformação
7	<i>Ecllessia</i> >		Igreja	Transformação/ palatização
8	<i>Focula</i> >		Fogueira	Transformação
9	<i>Flaccu</i> >		Fraco	Transformação
10	<i>Liliu</i> >		Lírio	Transformação/ assimilação
11	<i>Obligare</i> >		Obrigar	Transformação
12	<i>Placere</i> >		Prazer	Transformação

13	<i>Plumbu</i>	>	Prumo	Transformação
14	<i>Registo</i>	>	Registro	Acréscimo/paragoge
15	<i>Semper</i>	>	Sempre	Transposição/metátese
16	<i>Stella</i>	>	Estrela	Acréscimo/epêntese

Fonte: Elaborado pelo autor segundo bibliografia pesquisada

Como observado e enfatizado nas palavras acima, o fonema /r/ está sempre em evidência na evolução do latim para o português. Enfatizamos os tipos de metaplamas em função do fonema em questão. Pelo exposto acima, verificamos nestas mudanças o rotacismo fonético do /l/ > /r/, que se deu ao longo do tempo, mas isso não aconteceu apenas no passado. Atualmente esse fenômeno também ocorre, mas como variação e não são variáveis aceitas pela norma da língua culta, como veremos no capítulo de análise dos dados.

CAPÍTULO 3

A VARIAÇÃO NO ENSINO

Nos capítulos anteriores vimos que a língua varia por seus fatores internos e externos, mais ainda, que a Língua Portuguesa que hoje conhecemos é fruto de um longo processo de transformação. Os falantes dessa língua mudaram e mudam-na inconscientemente e involuntariamente, quer no aspecto morfológico, quer sintático ou fonético, como vimos mais detidamente anteriormente. Neste capítulo continuamos a discussão sobre a variação, mas no âmbito escolar, pois interessa-nos saber, no âmbito da variação linguística, o papel da escola no ensino da língua portuguesa a partir da dicotomia fala e escrita.

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca (LEITE; CALLOU, 2002). O processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa tem sido uma questão bastante discutida pelos educadores nas últimas décadas, inclusive muitas pesquisas acontecem recentemente sobre a língua oral e a escrita, de modo que já podemos visualizar na língua falada a sua comparação com a modalidade escrita, reforçando assim a importância da oralidade e a sua influência para as variações fonéticas que a língua passa. Para essas variações e mudanças o fator histórico, cultural e o nível de letramento são relevantes na evolução da língua, pois as transformações fonéticas acontecem justamente por causa do falante.

Nesta perspectiva, Marcuschi (1993, p.04) já sinalizava que “os gramáticos imaginam a fala como o lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada”. A resposta parece estar na multipluralidade de riquezas inalcançáveis de cada contexto em que a fala se aplica.

Embora a língua falada e a modalidade escrita tenham o mesmo sistema linguístico para a construção das frases, “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados” (MARCUSCHI, 1986, p.62) e Travaglia (1997) defendem que tanto a fala quanto a escrita apresentam graus de variação bem definidos.

No entanto, há esforços atuais concentrados na fala e na escrita, pois sociólogos, antropólogos, educadores, psicólogos e linguistas têm se debruçado sobre o assunto e se

deparam na realidade que a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto (FAVERO, 2005).

Perceber que é na fala, ou seja, nessa instabilidade, que as variações e mudanças acontecem favorecendo para o desenvolvimento (diacrônico) da língua é perceber que por meio dela a língua se torna viva, dando vida até a própria gramática, uma vez que variações que outrora não eram aceitas passam a fazer parte da gramática escrita com o passar do tempo. Mas, até que isso ocorra as “inovações comuns na língua falada – já aceitas, muitas vezes, até em situações formais de fala – não são, de imediato, aceitas na escrita, chegando, inclusive, a receber condenação explícita de gramáticos e de outros estudiosos” (FARACO, 2005, p. 24).

Como sabemos, a tradição escrita no Brasil é bem recente. A saber, tem-se como o primeiro manuscrito a carta de Pero Vaz de Caminha há poucos séculos atrás e a circulação de meios escritos se deu de forma efetiva apenas com a chegada da família real no ano de 1808.

Como afirma Ximenes (2012, p. 96) “Os primeiros textos eram quase totalmente de caráter oficial, escritos pelas instituições administrativas das esferas pública e privada para os diversos fins”, tais como requerimentos, ofícios, alvarás, cartas de leis, certidões etc; para o uso na administração privada: relatórios de finanças, mapas de compra e venda, deliberações capitulares etc; e ainda para o uso em textos particulares, tais como missivas, diários, etc, (op. cit). Assim, a escrita e os documentos escritos não estiveram detidos ou delimitados por todos que compunham o que se chamava de Brasil, mas nas esferas administrativas.

Na verdade, a língua portuguesa já nasceu com influências de outras línguas, que, por sua vez, já eram influenciadas, mas nos séculos iniciais de colonização do Brasil, o português e a língua geral do território se misturavam, até que com o decreto do Marquês de Pombal, o português passa a língua oficial. Até que isso ocorresse, os jesuítas foram as figuras que contribuíram na permanência e ensino dessa língua por meio dos seus fins catequéticos.

Mesmo assim, até a primeira metade do século XVIII a língua indígena era a predominante no Brasil, sendo o português imposto pela família real com sua chegada. Estima-se que na época da conquista do território eram faladas 1.273 línguas indígenas além da portuguesa. Hoje, no entanto estima-se que existam cerca de 180 apenas, sendo

em maioria localizadas na Região Amazônica. Em 500 anos uma perda de 85% (ARYON RODRIGUES apud LEITE & CALLOU, 2002).

Além deste fato, temos que incluir neste território multilíngue o contingente de imigrantes japoneses, italianos, alemães, espanhóis sem esquecer ainda dos redutos de antigos escravos africanos. Inevitavelmente, a variação linguística é um forte fato em nosso país, e com a variação fonética não seria diferente.

Diante do exposto, esbarramos no papel social da escola no ensino de língua portuguesa, também no conceito da língua, sendo essa instituição a responsável por transmitir a língua tida como melhor, mais correta, pura, padrão. Para a escola, essa concepção de língua herdada da tradição é que garante a aceitação do usuário na sociedade, mas também ela exclui, por vezes, os usos linguísticos que não se encontram dentro deste ideal, pois sobressai nela a responsabilidade de ensinar a escrita convencional que “não admite essas ‘diferenças’, estabelecendo o certo e o errado como regra para a utilização dessa modalidade” (MENEGUELLI; SOUZA, 2014).

O que parece justificar essa postura escolar é a ideia de que em todo idioma, há a língua considerada gramaticalmente “correta”, dos literatos e a língua popular falada pelo povo de pouca instrução e sem a preocupação com a correção gramatical, como afirma Silva Neto, um dos pioneiros no estudo de dialetologia no Brasil: “Uma língua tem dois empregos distintos: o *literário*, quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra e pela sociedade culta, difundido nas escolas e Academias, e o *popular* falado quase sempre, do que se serve o povo despreocupado e inculto” (SILVA, Neto apud CARVALHO & NASCIMENTO, 1987, p.9)

A língua é uma atividade social e os usos efetivos e concretos da língua falada, viva e social, chegam à escola, que por sua vez, está inserida em uma política linguística que impõe uma variedade de língua, a norma padrão, corrigindo, por exemplo, a permuta do /l/ em /r/. Perceba-se que essa imposição não se faz presente apenas nas escolas com as características atuais, mas se faz presente desde os ensinamentos do passado. Desde lá a prescrição se manteve forte e se fez presente aos longos dos anos até hoje, pois à escola cabia, normalmente, o papel de reprimir a variação, afinal, desde que somos inseridos na escola temos contato com as normas da gramática.

Um dos exemplos mais antigos que podem ser citados sobre a prescrição nessa dicotomia entre o “certo” e o “errado” está no achado Appendix Probi do séc.III a IV. Ele enumera 227 recomendações de palavras dos estudiosos em normas de prestígios contra as de uso popular. No documento podemos perceber claramente as mudanças fonéticas,

como por exemplo, algumas perdas (*calida non calda; clatri non cracli; sirena non serena; auctor non autor; mensa non mesa*) dentre outras.

Certamente na escola, a dinâmica da língua deveria requerer uma visão voltada para adequação e inadequação da mesma, mas segundo sua situação sociocomunicativa, pois sendo o Brasil constituído dessa forte realidade de pluralidade linguística deveria considerar além dos fatores linguísticos, os traços históricos e socioculturais de seu povo, dando importância à relação entre preconceito social e preconceito linguístico e suas implicações para o ensino.

De fato, o preconceito ainda é uma barreira difícil a ser vencida e isso se acentua quando percebemos as variações pelas regiões do país. Ao se pronunciar a variação “preguntar” ao invés de “perguntar” isso já se torna um motivo de estranhamento e mais ainda, de preconceito linguístico, mesmo sendo totalmente aceito, por exemplo, na língua neolatina espanhola, que ainda admite “peligro” para o nosso “perigo”. Ainda, não estranhamos, no entanto, outras palavras que sofreram evolução, tais como, “blanco”, “plata”, plaza que hoje pronunciamos foneticamente com /r/.

Esse preconceito se dá ao circular o mito de uma língua imutável e que apenas o seu padrão/norma deve ser o uso prestigioso. Isso é retroceder contra a própria língua e sua natureza evolutiva, uma vez que o domínio do português culto é ainda privilégio reservado a poucos, além de colocar a língua distante da realidade social do falante. Resguardando a importância de cada um dos empregos da língua, embora haja essa distinção entre a língua acadêmica/escolar e a popular, no entanto, é importante perceber que foi principalmente desta última modalidade que o latim se espalhou pela Europa, e diante das diversas variações regionais, derivou a formação das línguas neolatinas, dentre elas o português.

Para a escola fica o papel desafiador e prescritivo, o intuito de controlar a língua e impor aos falantes uma determinada forma de falar, como a forma “correta” e aceita socialmente, de prestígio social. Além disso, quando se fala em variação linguística ela pode até serem aproveitada na educação e estar presente no livro didático e na sala de aula, mas com o intuito do paradigma de mostrar o certo e o errado. Isto se dá porque existem as exigências formais da sociedade, bem como do próprio sistema educacional que pedem a manutenção deste padrão ideal de língua e a escola concebe o ensino da gramática normativa com valor principal na formação do educando, sendo ela a responsável por inseri-lo na sociedade e este fazer o bom uso (padrão) da língua, fortalecendo a tradição do ensino prescritivo que é muito forte ainda.

Essa prescrição hoje é feita pela escola, pois seu modo de ensino é quem procura regulamentar a língua estabelecendo uma variedade como a mais correta “engessando” a evolução da língua e as pessoas buscam se aproximar dessa variedade. Essa prescrição acontece em outras línguas também e há bastante tempo. Mas ensinar apenas a norma padrão culta faz com que nem sempre se contemple no ensino a variação linguística dentro da perspectiva sociolinguística, acarretando às vezes nos preconceitos linguísticos ou intolerância ao diferente, colocando à parte, desconsiderando o fator social da língua e sua influência na escrita no processo de ensino-aprendizagem.

Desde a formação educacional do país o ensino foi estabelecido como prescritivo, os próprios livros editados com o intuito de ensinar já o certo e não reconhecem outras vertentes da língua. Essa parece ser uma das mais danosas posturas herdadas e estabelecidas com a dicotomia entre fala e escrita, o “errado” e o “certo” e quem vence não é sempre a escola, pois embora ela controle, monitore e prescreva o uso e a escrita da língua, ela é viva, complexa, dinâmica e adaptável.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão descritos os processos metodológicos que utilizamos no presente estudo: a caracterização da pesquisa, a caracterização dos sujeitos e os dados da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e, por fim, as variáveis da pesquisa do quanto ouve-se e fala-se as varrições apresentadas no questionário.

4.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa é um procedimento racional e metódico com o objetivo de proporcionar respostas aos problemas propostos. Além de sistemática, ela deve ser “crítica, pois os dados coletados devem estar submetidos a um exame cuidadoso pelo pesquisador com o propósito de assegurar que sejam precisos e que representem o que se pretende” (MOREIRA, 2008, p. 28). Além disso, tem o objetivo de contribuir para o avanço do conhecimento.

No que se refere à abordagem, a presente pesquisa é definida como quantitativa e qualitativa. A primeira segundo Fonseca (2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009) recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. Já a segunda, preocupa-se com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Sendo assim, a pesquisa se mostra híbrida.

4.2 Caracterização dos sujeitos de pesquisa

A pesquisa quantiquantitativa foi realizada na cidade de Campina Grande por pessoas residentes na própria cidade. Os que responderam à pesquisa foram em um total de 120 participantes, do sexo masculino e feminino.

A escolha desses participantes se deu de forma aleatória, de modo que indo ao encontro destes, eles se dispuseram a participar livremente do questionário. No entanto eram convidados a participar aqueles que preenchessem as características estabelecidas como de idade e escolaridade expostas no quadro 2. Sendo assim, os critérios eram estar dentro das características citadas e a disponibilidade em participar voluntariamente.

Quadro 02: Distribuição de participantes por escolaridade:

Escolaridade Gênero	Ens. Médio Incompleto	Ens. Médio Completo	Ens. Sup. Incompleto	Ens. Sup. Completo	Total
Masculino	15	15	15	15	60
Feminino	15	15	15	15	60
Total	30	30	30	30	120

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Das 120 pessoas tidas como sujeitos participantes, 60, são de mulheres e 60 de homens. A pesquisa também levou em consideração a idade dos participantes, sendo conforme quadro abaixo:

Quadro 03: Distribuição de participantes por faixa etária:

Faixa Etária Gênero	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 anos e acima	Total
Masculino	20	20	20	60
Feminino	20	20	20	60
Total	15	15	15	120

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Como exposto, temos participantes jovens a partir de 20 anos até adultos de 30 anos acima. Diante da dificuldade de achar participantes do ensino superior completo na faixa etária de 19 a 24 anos, o bloco dessa faixa etária não foi contemplada na pesquisa.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

Com relação à coleta de dados, o presente trabalho fez uso da aplicação de questionários com os diversos sujeitos da pesquisa. Em um primeiro momento, disponibilizamos o Termo de Responsabilidade da pesquisa, de forma a garantir o sigilo das informações do participante (vide anexo). Depois o questionário propriamente dito (vide anexo).

As palavras selecionadas totalizavam 24, sendo 12 considerando a forma padrão e 12 a variação, sendo o não padrão a troca do fonema /l/ por /r/, conforma apresentadas no quadro 04:

Quadro 04: Palavras com variação fonética do /l/ para o /r/

Padrão	Varição
Planta	Pranta
Flamengo	Framengo

Estalo	Estralo
Problema	Pobrema
Flagra	Fraga
Perguntar	Preguntar
Pílula	Pírula
Bicicleta	Bicicreta
Blusa	Brusa
Disciplina	Disciprina
Plástico	Prástico
Blasfêmia	Brasfêmia

Fonte: Seleção de palavras elaborada pelo autor, segundo pesquisa, 2016

O instrumento da pesquisa foi elaborado por questões de múltipla escolha, sendo composto de 24 questões, sendo uma para cada palavra. Em cada questão era procurado saber dos participantes a aceitação ou não das palavras que em comum tinham o fonema /r/ em permuta para a lateral /l/. O intuito do questionário foi quantificar e verificar se os participantes afirmavam conhecer a variedade da língua marcando num eixo horizontal com os valores de 1 a 5 a frequência e familiaridade das palavras com o participante, sendo 1 para *nunca uso/ouço*, 2 *raramente uso/ouço*, 3 *uso/ouço várias vezes*, 4 *uso/ouço quase sempre* e 5 para *uso/ouço sempre*.

Terminada aplicação do questionário, os dados foram transcritos e tabulados em ferramenta Excel no sistema operacional Windows para a quantificação e análise das respostas de acordo com suas subdivisões de gênero, idade e escolaridade, nos eixos citados, conforme exposto no capítulo seguinte de análise de dados.

3.4 Variáveis de pesquisa

O quadro 5 retrata, de forma resumida, em que foi baseada a elaboração do questionário, bem como sua dimensão, variáveis e seus itens correspondentes.

Quadro 5: Dimensões e variáveis da pesquisa

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	ITENS DO QUESTIONÁRIO
Uso/Ouçó as palavras	Gênero	24 questões

Fonte: Seleção de palavras elaborada pelo autor, segundo pesquisa, 2016

- **Tratamento dos dados**

Os dados coletados foram organizados de acordo com as variáveis do quadro 5 e das pesquisas realizadas de maneira semiestruturada, conforme anexo deste trabalho, seguindo uma ordem até chegar ao objetivo geral. Os cálculos e gráficos também foram feitos com o auxílio de planilha Excel que foram analisadas conforme a seguir veremos.

5. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi feita, considerando a frequência do Uso/Escuta das palavras, seja o padrão, seja o não padrão (variação) das palavras com fonema /l/ e /r/. Para uma melhor compreensão, a análise está dividida em três subtópicos, levando em consideração a variável do gênero; o uso do padrão considerando a faixa etária; e por fim a escolaridade dos participantes.

5.1 Uso e Escuta do Padrão e não padrão relacionado ao gênero masculino e feminino

No tocante ao gênero masculino e feminino nos dados dos questionários, constatamos que as pessoas do sexo feminino se sobrepõem às pessoas do sexo masculino para o uso e escuta das palavras selecionadas tidas como padrão, que são aceitas atualmente, ou seja, o gênero feminino prefere o fonema /l/ deixando as variações do /r/ do não padrão, sendo em percentuais:

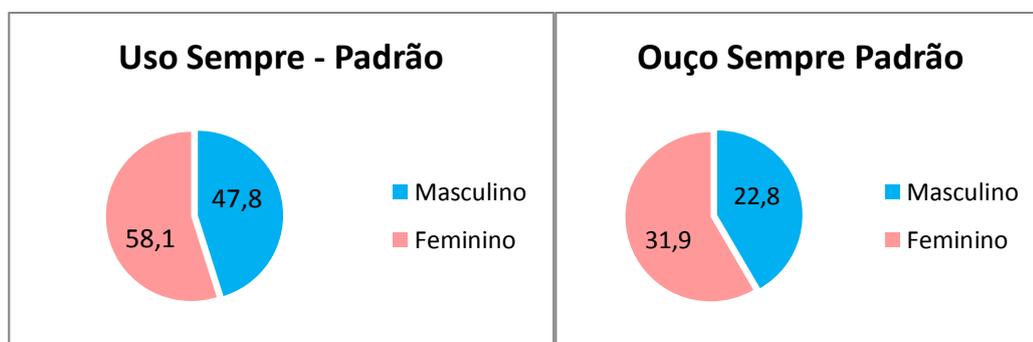


Gráfico 1. Diferença entre gêneros para Uso/Ouçõ - Palavras padrão
Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Como exposto no gráfico 1 no indicador *uso sempre* da base de dados, quase 60% das mulheres usam as palavras tidas como português padrão e os homens 47,8%. Além disso, a superioridade linguística padrão das mulheres se deu também na escuta das palavras tidas como de prestígio, ou seja, elas usam e ouvem mais as ocorrências do português padrão do que os homens, dizendo 31% delas, que *ouvem sempre* o padrão das palavras apresentadas, contra 22,8% dos homens.

Por outro lado, dando enfoque ao não padrão, é importante ressaltar que 82,4% das mulheres e 74,6% dos homens *não usam* as variações do /r/ nas palavras apresentadas, ou seja, rejeitam-nas. No entanto, é importante citar que algumas variações

são bem conhecidas. As variações mais relevantes em número foram para: 16 homens confirmaram usar *várias vezes* a variação ESTRALO ao invés de ESTALO, quando as 14 mulheres alegaram usar *várias vezes* e 18 delas escutarem *quase sempre* essa variação.

Em se tratando da escuta das palavras, entre os homens o não padrão (variação) foi mais presente, entre 40% a 50% disseram que *várias vezes* ouvem BICICRETA (30 homens), PROBREMA (26 homens) e PRÁSTICO (24 homens). Para as mulheres o número da escuta cai, dizendo elas que *quase sempre* escutam ESTRALO e várias vezes POBREMA (18 mulheres), PÍRULA e PRÁSTICO (14 mulheres).

Isso demonstra que possivelmente as mulheres, independentemente de outros fatores, como faixa etária e escolaridade, usam e escutam mais o português padrão do que os homens e que conseqüentemente preferem mais o uso do fonema /l/ ao invés do /r/ nas variações das palavras apresentadas. Ademais, o uso e escuta para os homens em menor proporção que as mulheres abre-nos a possibilidade que eles têm um contato maior com pessoas que falam menos o padrão da língua e se distanciam do que se prega como forma de prestígio.

Relativamente, é importante relembramos que historicamente para as mulheres era verificado de modo mais comum o cuidado com a linguagem, bem como o ensino e a transmissão dele. Pelo dado apresenta do entre gêneros os dados confirmaram que essa prática ainda permanece. Essa queda dos percentuais dos homens em relação com os das mulheres possibilita dizer que, sobretudo hoje elas se valem das formas de prestígio, usando inclusive a linguagem como ferramenta de atuação e ascensão social para diferenciá-la. Essa cobrança se faz presente porque social, histórica e culturalmente à mulher não lhe é dado o direito de errar e isso se apresenta inclusive linguagem, confirmando que entre homens e mulheres há contribuições, históricas, culturais e sociais diferentes.

5.2 Uso padrão relacionado à faixa etária

Tendo entendido que entre os gêneros há uma diferença no uso padrão e não padrão da língua, “a posteriori” identificamos em qual faixa etária isso mais se comprova. Sendo assim, os gráficos 2, 3 e 4 apresentam entre homens e mulheres em que blocos de idades o padrão da língua está mais presente no uso:

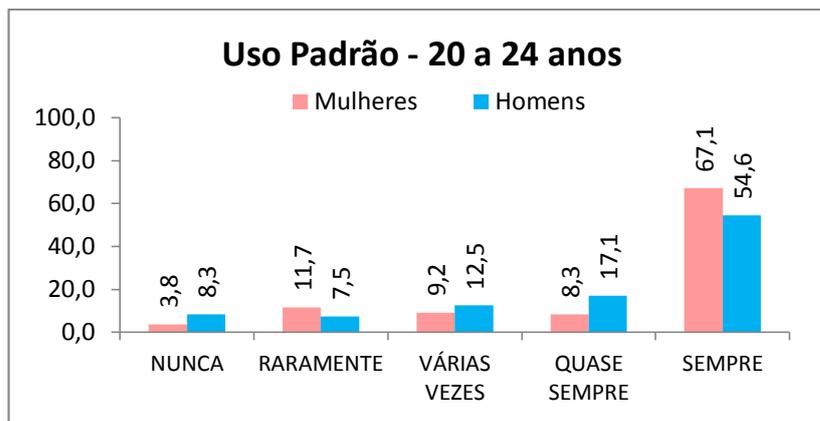


Gráfico 2. Uso padrão de 20 a 24 anos

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

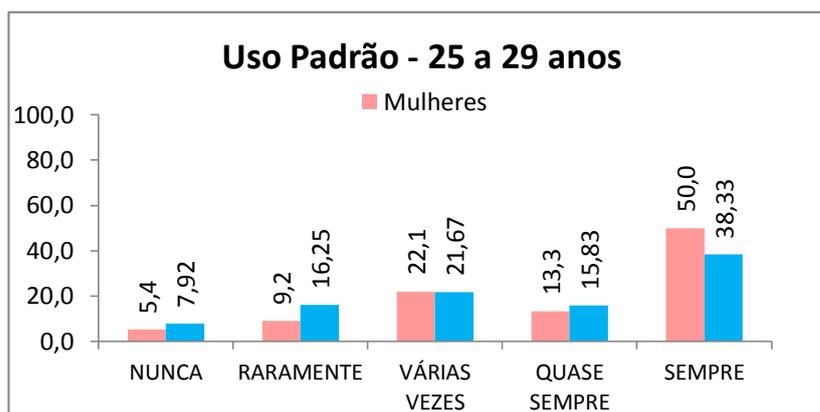


Gráfico 3. Uso padrão de 25 a 29 anos

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

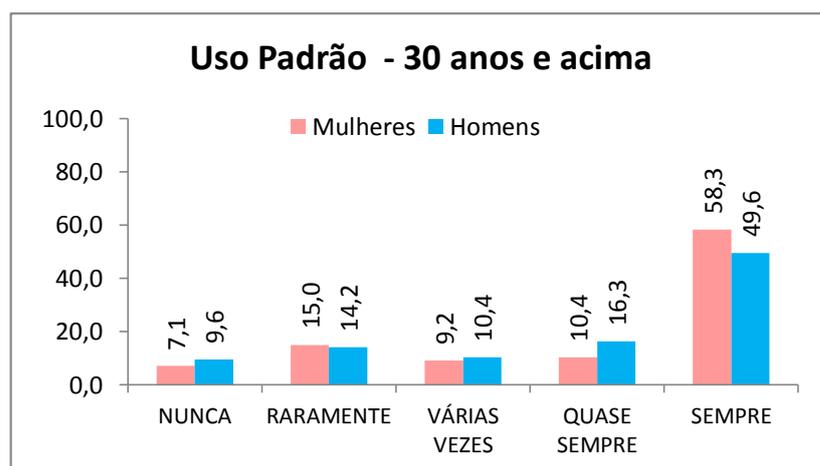


Gráfico 4. Uso padrão de 30 anos em diante

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Como observamos, em todos os gráficos evidenciamos novamente que o indicador *sempre uso* do padrão da língua é que desponta no percentual de todas as idades em comparação a *quase sempre*, *várias vezes*, *raramente* ou *nunca*. As mulheres mais novas, no caso de 20 a 24 anos (Gráfico 2), foram as que mais afirmaram a prática do padrão das

palavras apresentadas, sendo 67,1% contra 50% para as mulheres de 25 a 29 anos e 58% para as de 30 anos em diante. À medida que a idade avança entre elas o *nunca uso* do padrão aumenta progressivamente, sendo, 3,8% para as mulheres de 20 a 24 anos e 7,1% para as de 30 anos em diante. Outro fator histórico para esclarecer o fato das pessoas mais velhas apresentarem mais marcas do uso do não padrão está no processo da educação que em 30 anos atrás tinha características diferentes das atuais. O acesso à educação nem sempre foi tão fácil e quando o tinha o ingresso não era amplo como nos dias atuais.

Em relação aos homens, os mais novos assim como as mulheres, também tendem a usar mais o padrão das palavras. O percentual desse uso nos homens totalizou 54,6%, contra 67,1 das mulheres, ou seja, elas superam mais de 10% em comparação com eles. Essa diferença nos leva a fortalecer a hipótese de que os homens usam menos o padrão que as mulheres e o motivo é por estarem em maior contato e conviverem com mais pessoas que usam as variações e isso acaba influenciando também no uso e na escuta de palavras ditas como sem prestígio. Prova disso é que enquanto as mulheres alegaram *nunca* ou *raramente* escutar o não padrão daquelas palavras, os homens se destacaram informando que as ouvem várias vezes:

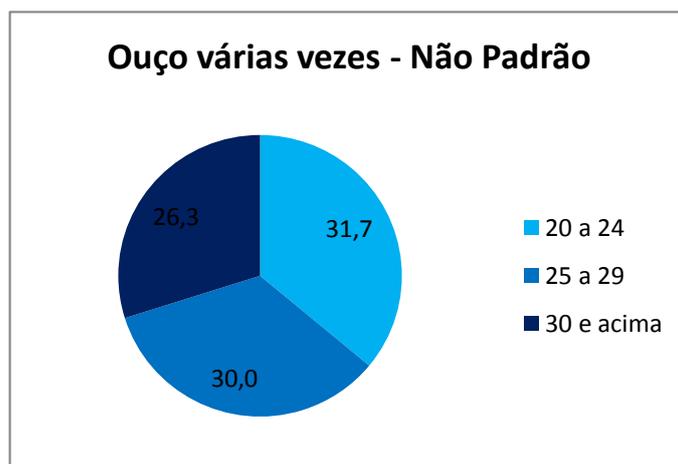


Gráfico 5. Escuta do não padrão pelos homens
Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Enfim, percebemos que os homens estão em maior contato da língua não padrão, seja no ato de usá-las ou ouví-las. Também que, independentemente da faixa etária, há um predomínio tanto no *uso/ouço sempre* as palavras tidas por padrão em todas as faixas etárias, em especial das mulheres de 20 a 24 anos que notadamente se sobressaíram. A seguir abordamos a terceira variável estratificada: a escolaridade.

5.3 Uso padrão relacionado à escolaridade

Tendo entendido as diferenças entre o uso e escuta do padrão das palavras entre gênero e idade, quisemos também saber sobre a terceira variável analisada, a escolaridade e qual seria o nível em que estava mais para a variação ou padrão da língua, ou seja, em qual delas o /l/ e o /r/ se faziam presentes mais presentes. Sendo assim, os gráficos 6 e 7 mostram:

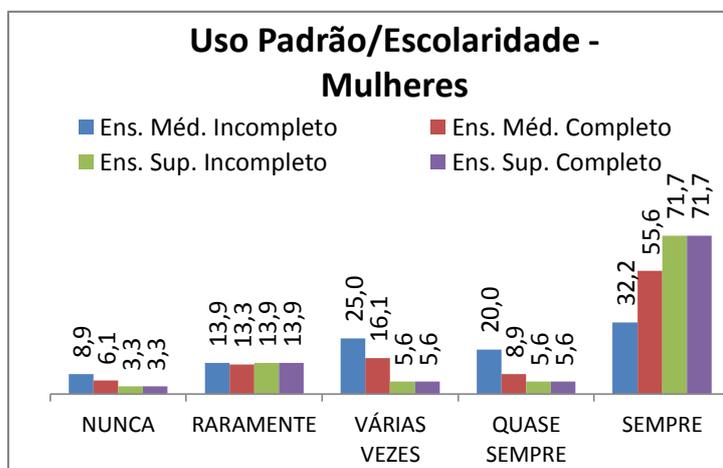


Gráfico 6. Uso Padrão/Escolaridade – Mulheres
Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

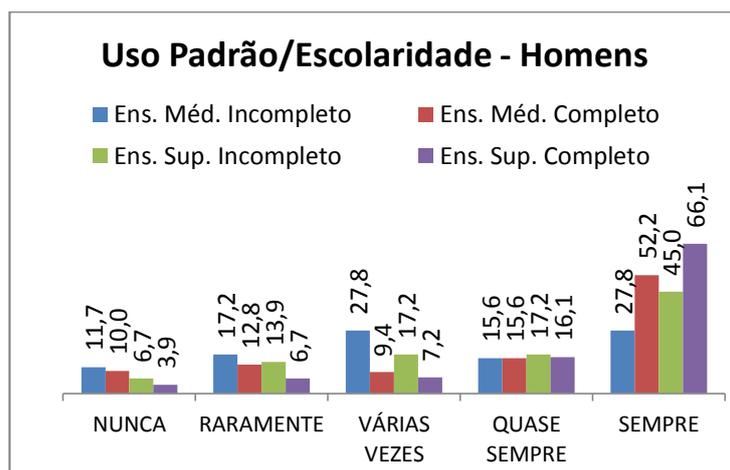


Gráfico 7. Uso Padrão/Escolaridade – Homens
Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Queremos destacar o bloco do *sempre* nos dois gêneros. Percebamos que, no tocante ao uso, ele é que se destaca, tendo as mulheres em todos os níveis de escolaridade uma superioridade percentual em relação aos homens. Sendo assim, comparando em linha apenas o bloco *sempre* que foi o de maior relevância, tivemos:

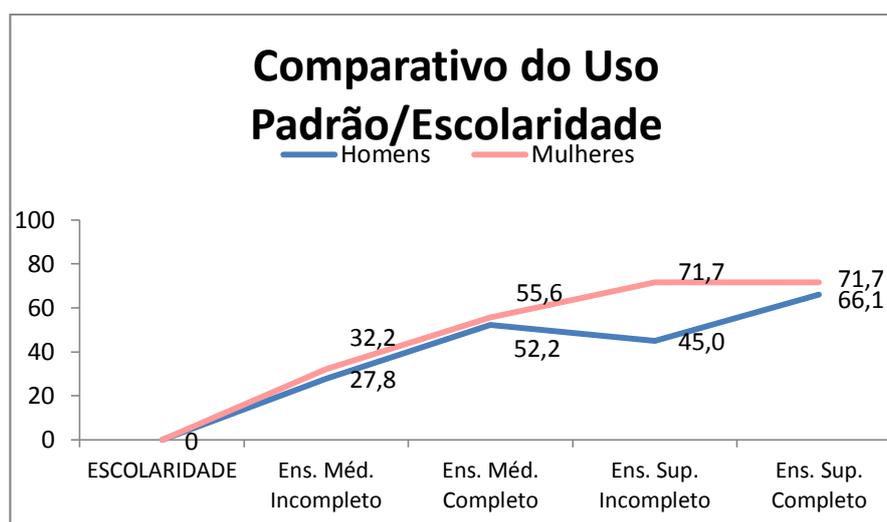


Gráfico 8. Comparativo do uso padrão – Escolaridade
Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados da pesquisa, 2016

Constatamos com o gráfico 8 que quanto maior o nível de escolaridade maior o uso padrão por parte das mulheres, ou seja, menos elas usam o /r/ no lugar do /l/. Há uma grande diferença do ensino médio incompleto das mulheres que totalizaram 32,2% e 27,8% dos homens contra 71,7% para as mulheres e 66,1% dos homens quando chegam ao ensino superior completo.

Um fato curioso observado foi que para os homens e mulheres que têm o ensino superior incompleto há uma diferença significativa de menos 26,7 de uso entre eles. Isso prova que os homens terminam o ensino médio mais influenciados com o não padrão da língua (uso do /r/) em comparação com as mulheres. Exemplo disso é que dos 15 homens participantes no tocante ao ensino médio completo, 28,9% alegaram que ouvem várias vezes as variações. As variações mais ouvidas e assinaladas foram PRÁSTICO ao invés de PLÁSTICO (46,6%), FRAMENGO ao invés de FLAMENGO e PRÁSTICO ao invés de PLÁSTICO) (33,3%).

Assim, chegamos à análise final que as variáveis que mais se aproximam do padrão da língua são as pessoas do gênero feminino. Nelas recaem a exigência de um maior uso e escuta da norma tida como padrão. Dentro desse gênero se destaca a faixa etária de 20 a 24 anos e dentro desse grupo, estão as mulheres que estão justamente no superior ou que o tenha concluído, ou seja, quanto maior a escolaridade que elas possuem, maior a exigência da forma falada e escrita.

Em síntese, nesta seção verificamos que em geral, independentemente do gênero, faixa etária ou escolaridade o uso padrão é mais forte tanto para o uso quanto para a

escuta das palavras selecionadas, sendo que as mulheres são aquelas que se destacam em relação aos homens. Além disso, os dados podem evidenciar que essas mulheres participantes possivelmente não convivem tanto com pessoas de baixa escolaridade em relação aos homens e por isso não sofrem significativas influências quando em contato com o não padrão, não afetando tanto no uso quando confrontamos com os dados coletados em homens. De forma geral 74,6% dos homens e 82,4% não usam o /r/ nas variações apresentadas, mas reconhecem a existência de usos por outrem por meio da escuta, sendo as ouvidas várias vezes entre os homens BICICRETA (50%), PRÁSTICO (40%) e POBREMA (26%), mas o uso dessas variações é baixo, se destacando ESTRALO 26,6% para homens.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inevitavelmente, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um ininterrupto processo de variação e mudança, especialmente as mudanças fonéticas do /l/ e /r/ em que esta pesquisa reforçou. Apresentamos algumas formas dessas variações ancoradas no fenômeno dos metaplasmos e nos debruçamos no rotacismo histórico do /l/ em /r/. Essas variações que surgiram no uso oral da língua latina já são registradas em dicionários de nossa língua como *aceitas*, mas outras na atualidade continuam restritas somente na modalidade da língua oral.

Reforçamos que é a língua falada, no entanto, que mais influencia a língua escrita e isso nos faz perceber que quanto maior for o contato com as variações, menos será o uso do padrão favorecendo com a verdade de que a língua não é estática, que evolui com o passar do tempo. Afinal, é na linguagem que se refletem a identificação e diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade, como apresentamos na análise. A fala tem, assim, um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. (LEITE & CALLOU, 2005, p.7).

Mesmo vivendo sob uma norma chamada padrão, tanto a língua falada quanto a língua escrita possuem regras para sua efetivação. A escola é quem aparece como instituição que monitora essas variações denominadas de não padrão e institui o que se chama de formas de prestígio da língua.

Sendo assim, numa concepção sociolinguística, a escola deveria considerar que a língua é um reflexo social, viva e em constante mudança, sendo as manifestações linguísticas parte dessa língua, ou seja, a escola deveria ensinar o padrão, mas também as variações desse padrão, desmistificando o purismo da língua favorecendo o cancelamento do preconceito linguístico ao diferente, afinal a escola prescreve, mas não domina a língua a ponto de evitar as variações e mudanças.

Por hora, evidenciamos o quanto a variação do fonema /l/ em /r/ está presente no cotidiano das pessoas, sendo as mulheres jovens formadas ou em formação acadêmica as que usam e respeitam mais o padrão do que os homens, ou seja, a linguagem delas é mais

próxima do padrão, seguindo o que se diz como de prestígio. Essa pode ser a maneira que ela busca de garantir seu valor na sociedade se diferenciando das pessoas achando esse diferencial pelo uso da linguagem.

Sabemos que o presente estudo não se esgota aqui, pois muitos outros fatores poderiam ser considerados para o maior ou menor uso do padrão da língua. Sugerimos, pois, que ele possa continuar abrangendo outras variáveis sociais, tais como, entre pessoas de condições econômicas diferentes, zonas mais ou menos periféricas da cidade, ou ainda zona rural/urbana etc. certamente as disparidades de variações serão mais alarmantes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico. IN: CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ, 2., 2005, São Gonçalo. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf>>. Acesso em: 01 Ago. 2016.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010
- _____. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editora, 2011.
- BELINE, Ronald. A variação Linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística – I. Objetos Teóricos.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 121-140.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARVALHO, Dolores Garcia e NASCIMENTO; Manoel. **Gramática Histórica: Para o segundo grau e vestibulares.** 15.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica.** 1ª ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- _____. **Pontos de gramática histórica.** 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- _____. **Gramática histórica.** 7ª. ed. Rio de Janeiro: Livro técnico S/A, 1984.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística.** 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ática, 1998.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 1. ed. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia. METAPLASMOS E A CORRENTE DE CORRESPONDÊNCIAS FONÉTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 20, n.58, p.89-104, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/58/07.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2016.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo: Atica, 1986.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Texto mimeografado, 1993.

MOREIRA, Luiz Gonzaga Caleffe. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. 2Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

XIMENES, Expedito Eloísio. Filologia: Uma ciência antiga e uma polêmica eterna. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 18, nº 52. p.93-115, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/52/_RPh52.pdf> Acesso em: 5 de agosto de 2016.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Curso de Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa

Disciplina: Redação Científica

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título da Pesquisa: Metaplasmos de ontem e de hoje: o caso do fonema /r/ no português brasileiro

Professora Orientadora: Prof^a Dr^a. M^a Auxiliadora Bezerra

Pesquisador: Leandro S. Lucena.

Telefone para contato: 83-99993-2005

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos desenvolvendo. Sua colaboração neste trabalho será de grande relevância para nós. Muito obrigado!

Eu, _____, residente e domiciliado (a) à Rua _____, portador(a) da cédula de identidade _____, e inscrito(a) no CPF _____ nascido(a) em ___/___/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) da pesquisa _____. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

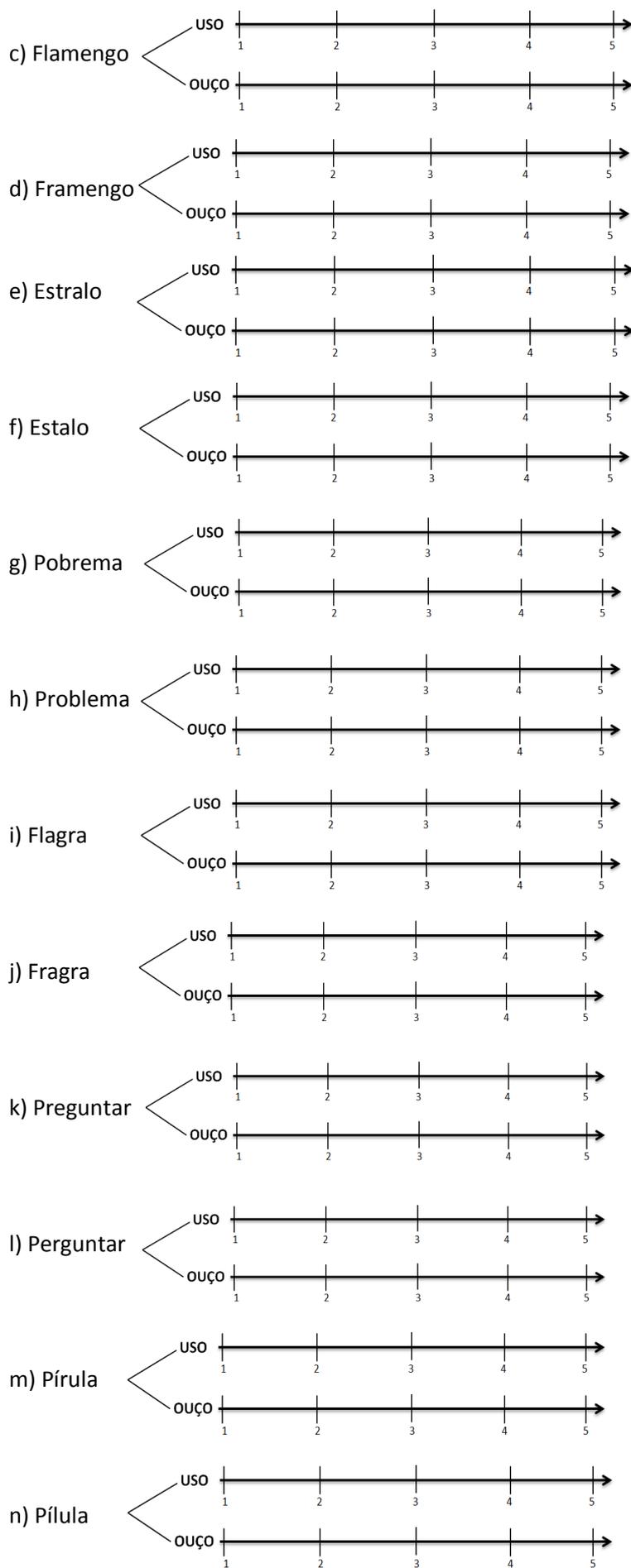
- I) Esta pesquisa se faz necessária para que se possa identificar e analisar o uso do fonema /r/ em permuta com /l/.
- II) Os dados e resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- III) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados desta pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Campina Grande, ____ de _____ de _____.

Assinatura: _____



o) Bicicreta

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

p) Bicicleta

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

q) Blusa

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

r) Brusa

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

s) Disciprina

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

t) Disciplina

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

u) prástico

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

v) plástico

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

w) Blasfêmia

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

x) Brasfêmia

uso						→
	1	2	3	4	5	
ouço						→
	1	2	3	4	5	

ANEXO C

Exemplo de Questionário Respondido

Exemplo 1: Ensino Médio Incompleto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Curso de Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa

Disciplina: Redação Científica

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título da Pesquisa: Metaplasmas de ontem e de hoje: o caso do fonema /t/ no português brasileiro

Professora Orientadora: Profª Drª, Mª Auxiliadora Bezerra

Pesquisador: Leandro S. Lucena

Telefone para contato: 83-99993-2005

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos desenvolvendo. Sua colaboração neste trabalho será de grande relevância para nós. Muito obrigado!

Eu, Yannick Carlos Figueiredo Costa, residente e domiciliado(a) à Rua Luís Hoffmann Albuquerque, portador(a) da cédula de identidade 7.002-443, e inscrito(a) no CPF 095.226.749-04 nascido(a) em 12/04/1997, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) da pesquisa Metaplasmas de ontem e de hoje. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- i) Esta pesquisa se faz necessária para que se possa identificar e analisar o uso do fonema /t/ em permuta com /θ/.
- ii) Os dados e resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- iii) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados desta pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Campina Grande, 25 de setembro de 2016.

Assinatura: Yannick Carlos Figueiredo Costa

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Letras

Prezada (s) Juvenis Senhor (a),

Estou realizando a pesquisa "Metaplasmas de ontem e de hoje: o caso da fonema /r/ no português brasileiro" para elaborar o trabalho de conclusão do Curso de Letras, em LICQ. O objetivo desta pesquisa é valorizar a qualidade intrínseca da massa e as transformações fonéticas. Para sua realização, preciso coletar informações relacionadas ao uso de algumas palavras da língua portuguesa. Sendo assim, convidamos(a) a responder o questionário abaixo, para ler os dados de análise. Informo que nenhum dado sobre sua identidade será divulgado.

Antecipadamente agradeço a sua colaboração.

Leandro S. Lucena

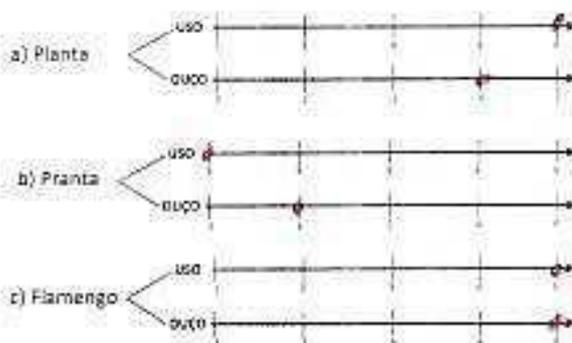
Sexo: Masculino Feminino

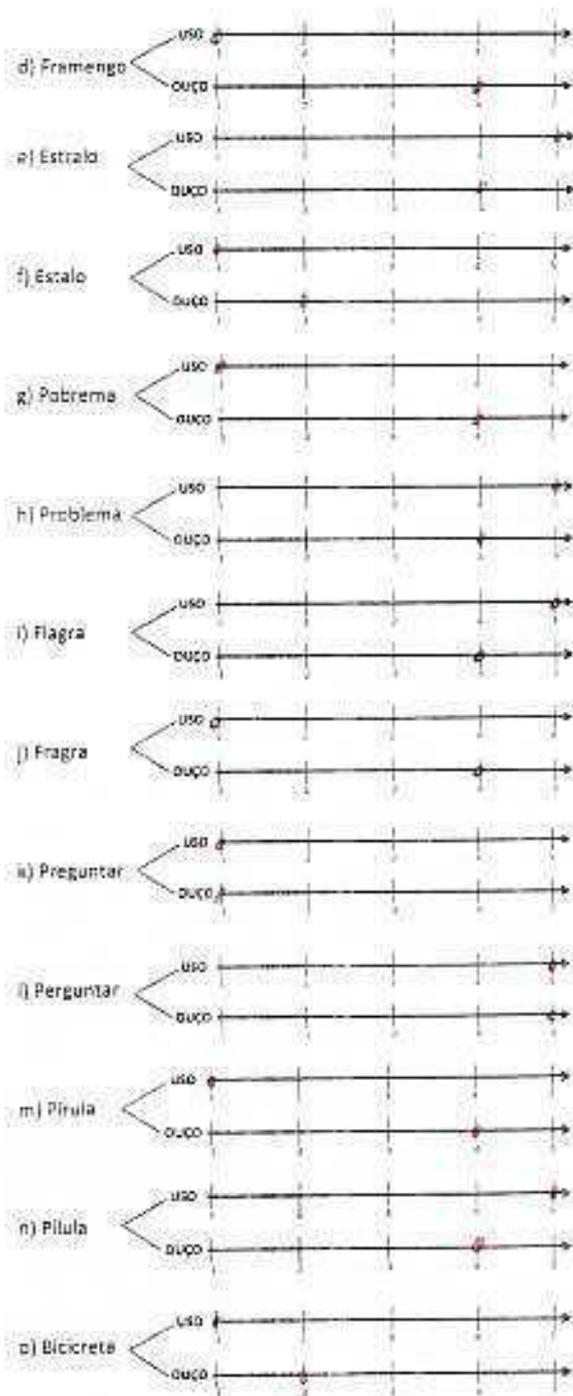
Faixa etária: 15 a 19 anos 20 a 24 anos 25 a 29 anos 30 e acima

Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Ensino Médio completo Ensino Superior Incompleto
 Ensino Superior completo

Responda as questões abaixo, circulando os valores de 1 a 5 conforme explicado a seguir.

Se você USA e/ou OUVE as palavras citadas, atribua um valor de 1 a 5 da escala dada, em que 1 corresponde a "nunca uso ou ouço" e 5 a "uso/ouço sempre".





p) Bicicleta

Phonetic analysis of 'Bicicleta' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into five syllables: [bi] [ci] [ci] [le] [ta]. The 'uso' syllable is [bi] [ci] [ci] and the 'ouço' syllable is [le] [ta].

q) Blusa

Phonetic analysis of 'Blusa' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into four syllables: [blu] [za]. The 'uso' syllable is [blu] and the 'ouço' syllable is [za].

r) Brusa

Phonetic analysis of 'Brusa' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into four syllables: [bru] [za]. The 'uso' syllable is [bru] and the 'ouço' syllable is [za].

s) Disciplina

Phonetic analysis of 'Disciplina' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into six syllables: [di] [si] [pli] [na]. The 'uso' syllable is [di] [si] [pli] and the 'ouço' syllable is [na].

t) Disciplina

Phonetic analysis of 'Disciplina' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into six syllables: [di] [si] [pli] [na]. The 'uso' syllable is [di] [si] [pli] and the 'ouço' syllable is [na].

u) plástico

Phonetic analysis of 'plástico' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into five syllables: [plás] [ti] [co]. The 'uso' syllable is [plás] [ti] and the 'ouço' syllable is [co].

v) plástico

Phonetic analysis of 'plástico' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into five syllables: [plás] [ti] [co]. The 'uso' syllable is [plás] [ti] and the 'ouço' syllable is [co].

w) Blasfêmia

Phonetic analysis of 'Blasfêmia' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into six syllables: [blas] [fê] [mia]. The 'uso' syllable is [blas] [fê] [mi] and the 'ouço' syllable is [a].

x) Brasfêmia

Phonetic analysis of 'Brasfêmia' showing syllable division for 'uso' and 'ouço'. The word is divided into six syllables: [bras] [fê] [mia]. The 'uso' syllable is [bras] [fê] [mi] and the 'ouço' syllable is [a].

Exemplo 2: Ensino Superior Completo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Curso de Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa

Disciplina: Redação Científica

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título da Pesquisa: Metaplasmos de ontem e de hoje: o caso do fonema /r/ no português brasileiro

Professora Orientadora: Profa. Dra. M^a Auxiliadora Bezerra

Pesquisador: Leandro S. Lucena.

Telefone para contato: 83-99993-2005

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos desenvolvendo. Sua colaboração neste trabalho será de grande relevância para nós. Muito obrigado!

Eu, Romualdo de Sousa, residente e domiciliado(a) à Rua Dep. Raimundo Jafane, portador(a) da cédula de identidade _____, e inscrito(a) no CPF _____ nascido(a) em 03/03/88, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) da pesquisa Metaplasmos de ontem e de hoje. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) Esta pesquisa se faz necessária para que se possa identificar e analisar o uso do fonema /r/ em permuta com /l/.
- II) Os dados e resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- III) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados desta pesquisa.
 - () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 - () não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Campina Grande, 24 de Agosto de 2016.

Assinatura: Romualdo de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Letras

Prezado(a) Jovem/Senhor(a),

Estou realizando a pesquisa "Metaplasmos de ontem e de hoje: o caso do fonema /r/ no português brasileiro" para elaborar o trabalho de conclusão do Curso de Letras, na UFCG. O objetivo desta pesquisa é valorizar a oralidade informal da massa e as transformações fonéticas. Para sua realização, preciso coletar informações relacionadas ao uso de algumas palavras da língua portuguesa. Sendo assim, convido-o(a) a responder o questionário abaixo, para ler os dados de análise. Informo que nenhum dado sobre sua identidade será divulgado.

Antecipadamente agradeço a sua colaboração

Leandro S. Lucena

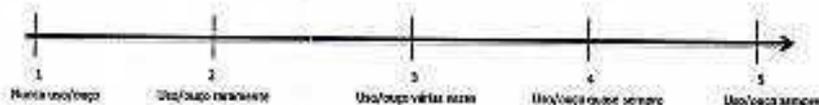
Sexo: () Masculino (x) Feminino

Faixa etária: () 15 a 19 anos () 20 a 24 anos (x) 25 a 29 anos () 30 e acima

Escolaridade: () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto
 (x) Ensino Superior completo

Responda as questões abaixo, circulando os valores de 1 a 5 conforme explicado a seguir.

Se você USA e/ou OUVE as palavras citadas, atribua um valor de 1 a 5 da escala dada, em que 1 corresponde a "nunca uso ou ouço" e 5 a "uso/ouço sempre".



a) Planta

USO 1 2 3 4 5

OUÇO 1 2 3 4 5

b) Pranta

USO 1 2 3 4 5

OUÇO 1 2 3 4 5

c) Flamengo

USO 1 2 3 4 5

OUÇO 1 2 3 4 5

